



Apontamentos sobre a história do jornalismo regional: estudo de caso sobre *O Juazeiro*¹

Adzmara Rejane Palha Amaral²
Daniel de Jesus Santana³
Andréa Cristiana Santos⁴
Universidade do Estado da Bahia - Ba

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar aspectos do modo de produção, critérios de noticiabilidade e a linguagem do jornal “*O Juazeiro*”, que circulou na cidade homônima baiana nos primeiros anos de 1900 até o final da metade do século XX, numa perspectiva da história da imprensa. No decorrer do trabalho, aborda-se a história do periódico em três períodos, comparando as suas fases e traz um perfil de um dos fundadores, Dermeval Ferreira Lima. Comprova-se que, apesar de ser uma imprensa artesanal, o periódico exerceu uma função social, veiculou informações de interesse público e notícias locais e internacionais, além de trazer anúncio publicitário.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; história da imprensa; jornais; notícias; imprensa regional.

Na história da imprensa brasileira, há escassez de registros dos periódicos regionais, pois, durante muito tempo, a bibliografia da área se especializou em produzir estudos sobre a trajetória de veículos nacionais e personagens da grande imprensa. Contudo com a criação de centros universitários localizados em cidades do interior, faz-se necessário mapear o conjunto de impressos que circularam, os profissionais que o produziram e tentar identificar as mensagens que veiculavam. A tarefa não tem sido fácil, devido a precariedade dos acervos públicos e privados nos quais constam apenas exemplares avulsos, na grande maioria em estado de degradação do suporte papel. Porém, é preciso

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do curso de Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, e bolsista de iniciação científica FAPESB. email: maraaamaraljua@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 6º semestre do curso de Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, email, e bolsista do Programa de Assistência Estudantil (PAE): nieljunho@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: andcsantos@uneb.br.



fazer com que estes impressos, mesmo escassos, possam ser compreendidos à luz do presente, a fim de trazer esclarecimentos sobre a produção jornalística da época⁵.

Diante disto, este artigo analisa aspectos do modo de produção, critérios de noticiabilidade e a linguagem do jornal “*O Juazeiro*”, que circulou na cidade homônima, distante 550 Km de Salvador-Ba, de 1903 a 1954. No decorrer do trabalho, aborda-se a história do periódico em três períodos: entre 1903 a 1908, o qual era denominado *O Juazeiro*; a reabertura em 1918, recebendo o nome “*Diário de Juazeiro*”; e a terceira que circulou de 1922 até aproximadamente 1954, retomando o nome de “*O Juazeiro*”, no qual são analisadas três edições do periódico, as únicas encontradas em acervos.

Para subsidiar a análise, utilizou-se a metodologia pertinente ao campo da história da imprensa a partir do referencial teórico dado pelos autores Marialva Barbosa e Marcos Morel (2005) e Tânia Regina de Luca (2005). Barbosa&Morel recomendam que a pesquisa com veículos de comunicação deve compreender uma abordagem quantitativa com levantamento sistemático acerca dos veículos de comunicação existentes, incluindo a realização, na primeira etapa, de um inventário com a identificação dos títulos, imagens, editorias, publicidade, número de páginas; nome dos profissionais; e a tipificação das mensagens conforme o conteúdo; possíveis leitores, distribuição e vendagem, no caso dos impressos. No segundo momento, podem ser feitas abordagens qualitativas a partir do uso da análise de conteúdo (com estudo sobre as mensagens, representações sociais, etc); ou análise do discurso.

Tânia Regina de Luca (2005) considera que, na análise qualitativa de jornais, é necessário investigar as motivações que levaram os meios a dar publicidade a algum acontecimento; atentar para o destaque conferido; as mensagens e os discursos. É preciso ainda identificar o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais freqüentes; e os textos programáticos; bem como inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros. Para a pesquisadora, requer-se ainda uma “análise circuntanciada do seu lugar de inserção” no qual se encontra este periódico relacionando-o ao contexto histórico, social e cultural. Também se utilizou uma abordagem sobre os critérios de noticiabilidade a partir da perspectiva dos estudos de newsmaking, seleção e valores-notícia.

⁵ Este texto faz parte de uma pesquisa em andamento sobre a memória da imprensa na região, intitulada Tempo, Memória e História: a trajetória dos profissionais da imprensa no Pólo Juazeiro-Ba e Petriolina-Pe, de 1901 a 1999, sob orientação da professora Andréa Cristiana Santos e dos bolsistas Adzamara Amaral e Wlyssys Wolfgang.



Além deste referencial, foram usados a metodologia da história oral e a análise dos jornais. Fez-se a visita a instituições como o Clube Comercial de Juazeiro/Biblioteca Municipal, o Museu Fundação Regional do São Francisco e o Arquivo Maria Franca Pires⁶. Na busca por exemplares, os pesquisadores enfrentaram adversidades, inerentes à falta de preservação de jornais em arquivos públicos. Em uma visita à loja maçônica Paz e Amor, situada na Rua Barão do Cotegipe s/n, na Praça Aprígio Duarte, fomos informado que o material de caráter documental referente a Dermeval Ferreira Lima, um dos fundadores do jornal e membro da maçonaria, fora doado à Biblioteca Municipal. No entanto, ao procurarmos informações, a diretora Tânia Maria Almeida nos informou que este material não existe mais, devido a ter sido armazenado em local inadequado. Após forte chuva que invadiu a Biblioteca Municipal, o material teria sido destruído. Assim, perderam-se os registros da existência do periódico. As únicas três edições existentes do periódico, objeto desta análise, foram conservados no Arquivo Maria Franca Pires e na Fundação Museu Regional do São Francisco, sob a guarda de Rosy Costa.

Devido à inexistência de mais jornais, a pesquisa recorreu à história oral, por meio de testemunhos de memorialistas da história juazeirense como Charles Duarte, atual presidente da academia Juazeirense de Letras, e que possui mais de 50 livros publicados sobre a história de Juazeiro, e a historiadora Maria Isabel Figueiredo Pontes, a qual dedicou e dedica parte da sua vida aos estudos sobre a história cultural da cidade. Apesar das dificuldades de material, este artigo sistematiza importantes contribuições que permitem contar um pouco da história da imprensa na região.

História e Memória do periódico

Em Juazeiro, o nascimento da imprensa ocorreu com a compra da primeira tipografia pelo comerciante Raimundo de Azevedo, em 1885, que sonhava viabilizar a impressão de *A Cidade de Juazeiro*, e confiou a responsabilidade pela edição do jornal ao tipógrafo Clóvis de Oliveira Mudo. Em 1895, dez anos após a instalação da tipografia, Clóvis lançou *O Sertanejo*, cujo redator era o professor Atanázio Aquino Nazareno. A publicação foi duramente criticada por Azevedo, que mandou queimar os exemplares e demitiu Clóvis de Oliveira. Como afirma João Fernandes Cunha, “Clóvis perdeu o

⁶ Arquivo disponível no Departamento de Ciências Humanas, sob a coordenação da professora Odomaria Macedo Bandeira.



emprego, mas foi projetado como pioneiro da imprensa de jornal na região” (CUNHA, 1978:137). Deste modo, surgiu a imprensa juazeirense por meio de um jogo de interesses e poder – ilustrado na imagem de Azevedo - contra um simples trabalhador encarregado pela tipografia (CASTRO, SÁ&SANTOS, 2006). A censura econômica e política a qual Clóvis foi submetido por não obter a posse da tipografia nem prestígio político, e a ousadia, ao publicar o primeiro periódico, gera controvérsia em torno da memória do primeiro jornal a circular na cidade. Para o memorialista Walter de Castro Dourado, *A Cidade de Juazeiro*, editado em 1º de maio de 1896, seria o primeiro impresso a circular na região, pois teve maior periodicidade e circulou durante um ano. Já *O Sertanejo* teria sido distribuído para um círculo restrito de pessoas com acesso à tipografia (*apud* DIAS, 1982, p. 40 - 41).

Disputas baseadas na interrelação político-financeira permaneceram ao longo da história da imprensa juazeirense. O nascimento da imprensa reflete ainda as condições sociais da época, como o processo de emancipação política (1878), a navegação pelo Rio São Francisco, que interligava o estado de Minas Gerais, a cidade de Pirapora, até Juazeiro; e um acervo de bens culturais como o teatro Santana, construído em 1874 e o Clube Comercial de Juazeiro, em 1898, que reunia tanto os comerciantes como principalmente a intelectualidade (CUNHA, 1978, p. 135).

Na primeira década do século XX, Juazeiro era uma pequena cidade de aproximadamente 20 mil habitantes, mas que já se configurava com um emergente centro comercial e urbano, abrigava lojas comerciais, companhias exportadoras de produtos como cera de carnaúba, mamona, óleo, extraídos de ponta a outra do médio do São Francisco, exportados para outras regiões do país. O comércio de couros e peles tomava impulso, realizando-se a exportação do produto de Juazeiro diretamente para o exterior, através da Delegação do Tesouro do Estado, que mantinha um despachante autorizado a realizar a operação.

Neste contexto, um meio de comunicação impresso passava a ser necessário para uma classe média local, que detinha poder econômico e viabilizava a circulação de idéias, concepções políticas sobre a nova sociedade que se desenvolvia. Também havia um pequeno, mas seletivo, grupo de homens de letras, intelectuais que se reuniam no Clube Comercial de Juazeiro para ler o “*Le Petit Journal*” e os livros doados por filhos da terra que se encontravam na capital.



Assim, neste cenário social, cultural e político foi fundado *O Juazeiro*, em 1903 e circulou até 1908, de propriedade dos três primos de origem alagoana Olegário de Assis, Eugênio Lins e Dermeval Ferreira Lima. O periódico era impresso nas oficinas da Associação Literária Juazeirense, do poeta e colaborador da imprensa José Petitinga, que possuía uma prensa feita de madeira, construída por Olegário de Assis.

Do ano 1901 a 1919, circularam vários outros pequenos periódicos na região com ênfase em questões políticas e culturais como *A Pérola* e *A Crisálida*, ambos de vida efêmera. Um dos primeiros jornais com periodicidade regular, *O Correio do São Francisco* (1901-1911), era editado por Jesuíno Inácio da Silva

As informações sobre os primeiros anos de vida de *O Juazeiro* nos permitem afirmar que ele não chegou a circular periodicamente devido à falta de recursos necessários para o seu funcionamento. Os temas abordados possivelmente podiam ater-se ao contexto político e social que envolvia a população de Juazeiro, e também debatia assuntos relacionados à literatura, já que os fundadores eram membros da Associação Literária Juazeirense.

Como todo pequeno jornal, caracterizado por uma imprensa artesanal, o jornal não conseguir manter-se longo durante muito tempo. Sabe-se que a reabertura do periódico foi no ano de 1918 com a denominação *Diário de Juazeiro*. Neste ano, com 24.255 habitantes, a cidade estava sendo marcada por diversas transformações no campo político, econômico e social. Walter Dourado (1983, p. 77) narra que, naquele ano, “achava-se pronto os trabalhos da usina elétrica de Juazeiro” e fora inaugurada a iluminação pública. Já possuindo energia na cidade, o prefeito Aprígio Duarte instalou “o serviço telefônico, que funcionou, embora precariamente, com poucos aparelhos instalados”, e já havia telégrafo.

Nesta segunda fase, o periódico, de propriedade de Joaquim Diamantino, Oscar Ribeiro e Ademar Cavalcante, era o único jornal a circular na cidade, fator principal que o diferenciava da primeira fase. Chegou a circular durante três anos, e teve ainda como redator na fase final, Dermeval Ferreira Lima, que ficou responsável pela reabertura do jornal no terceiro período.

A última fase de circulação foi a mais longa na trajetória do jornal, sendo iniciada em 1922, após o fechamento do *Diário de Juazeiro*. Agora sobre a responsabilidade de Dermeval Ferreira Lima, alagoano filho de Urbano Ferreira Lima e da senhora Enestina Lima, de importante família de Taipú – Alagoas, que nasceu a 22 de Outubro de 1890, na cidade de Pão – de – Açúcar.



Dermeval chegou a Juazeiro quando tinha aproximadamente 13 anos. Estudou do primeiro ao terceiro ano de escola primária com o professor Luís Cursino de França Cardoso. Em 1906, passou a estudar à noite na Associação Literária Juazeirense, época em que começou a prestar serviços tipográficos à revista “*A Crisálida*”.

Ferreira morou durante um período na cidade de Barra do Rio Grande, na qual foi editor de *O Sertanejo*, com apoio do advogado Artur Olaviano de Araújo. Em 1913, a convite de Manoel Messias de Lacerda, que residia na cidade de Remanso, fundou o jornal *Cidade de Remanso* de linha editorial política, e recebia o apoio de Antônio Vargas e Euclides Tiers. No entanto, retornou a Juazeiro por volta de 1917, período o qual é marcado pelo convite que recebeu do primo Olegário de Assis, do poeta Joaquim de Queiroz e do médico Oscar Ribeiro para escrever no *Diário de Juazeiro*.

A família de Dermeval sempre esteve relacionada ao campo das artes. O pai, Urbano Ferreira, era maestro, os quatro filhos tocavam na orquestra “*As Filhas de Apolo*”, e Dermeval, como não podia fugir à tradição musical, tocava saxofone, flauta e violão. Além de jornalista, ele foi autor de livros como *Ernesto, o artista*, *Casamento à Garrucha*, *Filho Regenerado*, *Mão Vermelha*, *Serrões Maçônicos e fragmentos*. No campo teatral, encenou no Teatro Santana e Cine Teatro Ideal. Em Juazeiro, doou quatro peças dramáticas de sua autoria em benefício de instituições locais e logo depois as editou em Opúsculo. A venda de suas peças dramáticas foi oferecida às instituições Maternidade São José, Loja Maçônico Segredo e União para a compra da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que, sua esposa Maria José, filha da cidade do Remanso ofertou à Igreja Matriz desta cidade. Também fez doação para a Loja Maçônica Harmonia e Amor, da qual foi membro e secretário durante 15 anos, e na mesma criou a mútua maçônica e escreveu seu regulamento, que até hoje serve de modelo para outras lojas.

Deste modo, o jornalista, músico e maçom Demerval Ferreira Lima se coloca, como outros profissionais da época, como um dos pioneiros da imprensa são franciscana, sendo responsável pela edição dos jornais na década de 40 e 50, última fase de existência do periódico.

Os fatos jornalísticos em *O Juazeiro*

A retomada do periódico “*O Juazeiro*” foi um empreendimento de caráter ousado e quase utópico. Com a epígrafe “Órgão Independente Literário e Noticioso”, abaixo do



titulo, propunha-se a noticiar os acontecimentos do Vale Sub-médio do São Francisco. Nas três edições analisadas do jornal, constata-se que o veículo pautava acontecimentos de relevância local, nacional e internacional, desde a comemoração de uma festividade até acontecimentos envolvendo a segunda guerra mundial.

As notícias locais abrangiam desde as importantes como os resultados das eleições municipais, a situação dos postos de saúde da cidade, as greves dos funcionários da empresa Minei de navegação às interessantes como a viagem a Buenos Aires do médico e provedor da Santa Casa de Misericórdia, José Inácio de Araújo da Silva e as comemorações de aniversários. O veículo também dedicava espaço para publicação de poesias, núpcias, notas de falecimento e nascimentos de crianças como Terezinha, segunda filha de Antônio Salomão Duarte, que havia nascido e compunha já as páginas de um prelo, no registro dos acontecimentos corriqueiros de uma cidade. Na pequena nota, não há a origem sobre o distinto Senhor Antônio Salomão Duarte, contudo a fonte deve ter alguma relação pessoal com o redator, ou singelamente pediu para registrar o nascimento da filha.

Na edição ano 27, de número 10, publicada no início do mês de junho de 1945, identifica-se uma notícia internacional. No cabeçalho do jornal a manchete “O Brasil cumprindo o compromisso com os aliados acaba de declarar Guerra ao Japão”. Na primeira coluna, lê-se uma notícia da Agência de Notícias Reuters, informando sobre o acordo feito entre os aliados Grã-bretanha, União Soviética, França e Estados Unidos para ocupar o território alemão, enquanto a Alemanha se obrigava a cumprir as clausuras do acordo de rendição. Na notícia, percebe-se que o periódico se propõe apenas a narrar os acontecimentos, emitidos pela agência de notícia, não faz comentários nem tece opiniões.

Podemos identificar que os redatores tinham conhecimento de técnicas jornalísticas e se propunham a transmitir as informações por um padrão de notícia sintético, pertinente a uma agência de notícia. Essa mudança no padrão jornalístico se diferenciava do início da imprensa brasileira, marcado pelo artigo de fundo. O historiador Aloyso de Carvalho (2008) registrou, com um pouco de melancolia, as mudanças no próprio processo de composição do texto, desde a extinção do jornal de prelo à mão para as modernas máquinas tipográficas e linotipos; o repórter passa a ser a alma do jornal, o “velho artigo de fundo agoniza, doutrinário, é extenso, morreu, ou agoniza. O que se quer agora é logo a informação, com profusão de títulos em todos os corpos e os competentes clichês”. Nesse momento, também pode se registrar ou inferir certas



expectativas do leitor que passaria a exigir um texto com uma narrativa mais sintética, não feito a “mastigar doutrinas”, como se refere Aloyso de Carvalho.

Um fato interessante é identificar o modo de produção dessas notícias: onde buscava os fatos, o curioso repórter? No caso das notícias locais, a realidade era um campo profícuo, bastava ir ao centro comercial e as instituições de prestígio como a Santa Casa da Misericórdia. A gazeta, que circulava semanalmente, era produzida na sala da casa do proprietário, na rua Barão do Cotegipe nº 30. Não havia trabalhadores da notícia, apenas o proprietário-redator e alguns ajudantes da família, como conta a sobrinha Helena Libório.

Outras notícias eram enviadas por telégrafo, como a comunicação oficial recebida em 15 de maio de 1945 sob a posse do novo Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado da Bahia, A Nonato Marques. Já as notícias provenientes de Agências de Notícias, não sabemos, com exatidão, a forma como o redator obtinha acesso aos acontecimentos. No entanto, a partir da análise dos dados da pesquisa e do contexto social da cidade, pode-se concluir que as informações chegavam aos jornalistas por via do telégrafo ou por meio de jornais que já circulavam na região, desde os franceses, como anteriormente citado, e o periódico *O Pharol*, que circulava em Petrolina, desde 1915, e também chegou a reproduzir notícias internacionais (CORREA&CAVALCANTI, 2008).

A linguagem e o discurso jornalístico

Apesar de haver uma linguagem jornalística mais clara, objetiva, direta, típica do jornalismo informativo, como a transmitida por agências de notícias, o jornal não abandonou o gênero opinativo nem se isentava de trazer comentários as notícias locais nas suas quatro páginas semanais.

Na edição de 18 de outubro de 1947, a manchete era “Convenção do PSD a 19 do corrente”, na qual trazia aspectos factuais da campanha política nacional e informava “os partidos PSD e UDN os maiores e mais prestigiados, vão se enfrentar num prélio de grande interesse local, em movimento desuzado, numa campanha intensa, demonstram a responsabilidade do grande pleito”. De forma a envolver os leitores, outro trecho da matéria trazia: “O grande prélio eleitoral aí vem! Nada de iluzoes! Neste Juazeiro, chegou a vez dos políticos demonstrarem o seu valor, o seu prestígio, em busca de uma conquista honrosa!!”.



Não podemos dizer também que o periódico abordasse um jornalismo interpretativo, buscando conexões e elos, era o articulista querendo abordar acontecimentos importantes e com viés crítico. Mas evidencia-se, no discurso jornalístico, uma preocupação de retratar aspectos antecedentes ao acontecimento, a fim de favorecer uma interpretação dos acontecimentos. Na edição de número 10, do ano de 1945, o repórter abordou o descaso do poder local com o Clube Comercial de Juazeiro e faz uma crítica ao abandono da instituição:

“Há 40 anos, a tradicional ‘Casa de Livros’ de Juazeiro, o Clube Comercial, marcava uma fase áurea. Os seus salões vastos, feéricos, preenches de associados, estudiosos e ilustres hospedes que transitavam pela cidade, haviam um movimento empolgante de cultura, que bem condizia com os forais desta cidade sertaneja.

(...)

“Hoje... o clube mal abre suas portas, às escuras, ninguém o procura. A política social apoderou-se daquela respeitosa e respeitável sociedade, e matou os cabeças a sua vida esplendorosa, condenando suas tradições historia tradicional a um marasmático desprezo”.

A partir de mensagens como esta, identifica-se que o redator tinha a preocupação de produzir o debate público a partir da crítica às mudanças ocorridas na cidade. Ao lado desta mesma notícia, encontra-se uma que demonstra a diversidade de fontes no noticiário, como a da reorganização dos trabalhadores na “Companhia Mixta dos Trabalhadores Juazeirenses Resp. Ltda”, que acabara de se organizar, tendo a direção o médico Edson Ribeiro e sob a presidência de Saul Rosas, militante do Partido Comunista do Brasil (PCB) e candidato a deputado nas eleições de 1946. O redator parabeniza a organização da mais nova companhia e saúda os novos ventos da mudança, ao final da nota, exclamando “MUITO BEM” (sic).

Além dessas notícias, o jornal também trazia a publicidade entremeadada aos acontecimentos. Segundo Wilson Dias (1982,p.44), as condições socioeconômicas do período não favoreciam a entrada de verbas na gazeta, as empresas que se estabeleciam na cidade ainda não tinham o hábito de fazer anúncio publicitário. Apesar desta reflexão de Dias, não podemos concordar que as empresas não tivessem o hábito de fazer anúncios. Numa análise dessas três edições, identifica-se uma profusão de anúncios publicitários de empresas e produtos variados, como publicidade do Hotel São José, Depósito de Juazeiro Tecidos, Farmácia do Povo, vendas de imagens sagradas, dentre outras. A veiculação destes anúncios se propunha a financiar a circulação do periódico e



a manter a sobrevivência econômica do redator. Embora o jornal tivesse uma estrutura artesanal, fosse impresso em casa, na própria tipografia do redator, o periódico tinha uma preocupação com a sua manutenção e também era uma mercadoria no sentido de que veiculava notícias que atendia a um público variado, logo poderia consumir o jornal. Embora não conste o preço na capa do jornal, o jornal não era feito apenas pelos dotes jornalísticos do redator.

Além disso, embora *O Juazeiro* estivesse respaldado no lema: órgão Independente, Literário e Noticioso, slogan que lhe possibilitava imprimir uma identidade de veículo com responsabilidade social, ele jamais deixou de ter caráter empresarial. Outro aspecto relevante no campo publicitário do veículo era a relação que ele tinha com a prefeitura municipal. Em todas as edições analisadas, existia a publicação de atos e decretos do poder público, algumas ocupavam quase duas das quatro páginas, só com informativos do órgão. A análise permite inferir que *O Juazeiro* funcionava, às vezes, como uma espécie de diário oficial da prefeitura que precisava veicular leis sancionadas, edital de licitação e data de pagamento de impostos. Com certeza, a prefeitura haveria de pagar pelos préstimos fornecidos pelo redator.

Esse fato dá margem para se questionar se *O Juazeiro* pode ser considerado como um veículo independente. Será que a relação de publicidade existente, principalmente entre a prefeitura e o periódico, não interferia nos critérios de noticiabilidade? Estas são algumas incógnitas que ficarão sem uma resposta precisa. Mas, independente da dimensão dessa resposta, é importante estudar e conceber o veículo como um objeto que contribuiu para a construção de pensamentos e ideologias para a sociedade da época. Assim, ele pode ser analisado atualmente como um documento histórico que relata parte dos acontecimentos daquele período, desde a notícia do nascimento até a informação de implantação do mais novo gabinete dentário, implantado na Santa Casa da Misericórdia. Além de distribuir notícias auspiciosas como o surgimento de mais um periódico na cidade como *A Notícia*, cuja redação era de Gesner Oliveira, e dirigido por José Calvacante Filho, lançado em primeiro de Junho de 1945, em comemoração ao 7º aniversário do Cine Teatro São Francisco⁷.

Ao ler a notícia do surgimento de mais um periódico, podemos inferir o espírito que levava o jornalista, músico e maçom Dermeval Ferreira Lima a publicar o seu jornal até a sua morte em 1954. Ao saudar o novo periódico, no ano de 1945, o jornalista redigiu:

⁷ Edição ano 27, número 10, Junho/1945.



“A Notícia, jornal bem impresso, que se propõe com dependência a seguir uma orientação mais ou menos segura, pautando sua conduta nas regras que sustentam a harmonia social, a paz entre todos, o (...) das autoridades e o respeito aos que nos governam. Ao novel colega, desejamos vida longa...”

Diante desta citação em alusão ao lançamento de mais um jornal, podemos também inferir que *O Juazeiro* se propunha também a difundir a harmonia social, os preceitos morais que regiam a época, mesmo quando criticava o que julgava incorreto.

Breve Considerações Finais

Após pesquisarmos em diversas instituições da cidade de Juazeiro, observamos que a história da imprensa juazeirense necessita ser conhecida e tornar-se pública. Os órgãos de imprensa que circulavam na cidade nas diferentes épocas analisavam fatos marcantes de âmbito internacional, nacional e regional, que interferiram direto ou indiretamente na vida dos seus habitantes da cidade de Juazeiro.

A partir da análise do periódico “*O Juazeiro*” e muitos outros, foram capazes de compreender os fatos ocorridos no passado, os critérios de noticiabilidade, a linguagem e o padrão jornalístico. Também se comprova que a imprensa tem uma influência muito grande na construção da história, pois através desses registros que se identifica como funcionava uma determinada sociedade com seus padrões sociais, costumes e tradições culturais. Dessa forma, a pesquisa com o “*O Juazeiro*” nos permite reconstruir a memória de acontecimentos da época, permitindo ao seu povo ser conhecedor de parte de sua história. Esta é a contribuição que damos a quem se propor saber sobre fatos relevantes e personagens que constroem a cidade de Juazeiro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasil**. Metodologia. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 05 de maio de 2005.

BARBOSA, Marialva. **Como escrever uma história da imprensa?** Texto apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. Disponível em www.redealcar.ufsc.br, acesso em 10 de março de 2006.



2010

CAVALCANTI, Nomeriana; CÔRREA, Jean Carlos. **O Pharol - Tempo, Imagem e Memória**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social. Produto Midiático (CD-Rom), Juazeiro-Bahia, 10 de junho de 2008.

CARVALHO FILHO, Aloysio de. **Jornalismo na Bahia: 1875-1960** In: TAVARES, Luis Guilherme P. **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia**. 2ª ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

CASTRO, Lidmillie; SÁ, Verusa; SANTOS, Andrea. **Restrição à Liberdade de Imprensa em Juazeiro**. Texto publicados nos anos Anais do VI Encontro de História da Mídia, em São Luis do Maranhão, 2005.

CUNHA, João Fernandes. **Memória Histórica de Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. Autor. Juazeiro-Ba. 1978.

DIAS, Wilson. **História da Imprensa em Juazeiro**. Juazeiro-Ba. Ed. do autor. 1982.

DOURADO Walter de Castro. **Juazeiro da Bahia à Luz da História**. Imprensa Rocha. Studio Domingues, Juazeiro - Bahia, 1986.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**: São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-153.

Fontes orais

DUARTE, Charles. Juazeiro - Bahia, 23 de Agosto de 2008.

LIBÓRIO, Helena. Juazeiro - Bahia, 20 de Setembro de 2008.

PONTES, Izabel Figueiredo. Juazeiro - Bahia, 10 de Setembro de 2008

Arquivos Públicos

Maria Franca Pires, Departamento de Ciências Humanas- Universidade do Estado da Bahia.

Fundação Museu Regional do São Francisco.